

Assunção Cristas | Ana Sofia Martins

# Saudades de um futuro africano

TEXTO ALEXANDRA TAVARES-TELES  
FOTOGRAFIAS HERBERTO SMITH



*Nos jardins do **Torel Palace**, Lisboa, a líder do CDS-PP, Assunção Cristas, e a atriz Ana Sofia Martins encontraram-se para um retemperador pequeno-almoço. Nunca se tinham cruzado, mas depressa descobriram um ponto comum no percurso: África, onde Cristas nasceu (Angola) e de onde o pai de Ana Sofia é originário (Cabo Verde). Detestam compras e adoram comer, da cachupa às alheiras à transmontana, rindo-se de modas como o jejum intermitente.*

## Pequeno-almoço, 9h30

*A conversa começa por África - Ana Sofia Martins, 31 anos, tem ascendência cabo-verdiana. Assunção Cristas, 43 anos, nasceu em Angola (a mãe nasceu em Angola e o pai em Moçambique).*

**Ana Sofia Martins (ASM):** No meu primeiro trabalho interpretei uma personagem nascida em Angola. Gravámos lá, que era o que eu queria. Uma coisa que aprendi é que os angolanos gostam muito do que é deles. Por isso, quis logo saber se não teria por lá família. E vim a descobrir que a minha bisavó materna era de Uíge. Mais angolana não podia ser.

**Assunção Cristas (AC):** Há duas semanas estive em Luanda para participar numa conferência sobre as mulheres. Já não ia a Angola há muito tempo, há uns seis anos. Aquela terra está fervilhante. A baía de Luanda está completamente diferente. Achei-a maravilhosa.

**ASM:** Moderna a sério. Cheia de luzes.

**AC:** Está a querer competir com as cidade do Médio Oriente e da Ásia.

**ASM:** E está a conseguir.

**AC:** Vim de lá com apenas 9 meses. A primeira vez que retornei, dois anos depois da guerra, Luanda tinha imenso lixo. Bom, tudo está diferente. Agora há uma ciclovía na marginal, e havia gente a correr.

**ASM:** Ainda tem lá família?

**AC:** Alguma, ainda. Uns primos que ficaram, e amigos dos meus pais que voltaram. Mas a verdade é que não dá para visitas, vou sempre numa corrida.

**ASM:** Eu nasci em Portugal. A minha mãe é portuguesa, branquinha, ruiua. O meu pai é que era de Cabo Verde.

**AC:** Herdou as sardas da mãe. Muito bonitas.

**ASM:** E gostava de ter muitas mais (risos). A primeira vez que fui a Cabo Verde tinha 16 anos e fui em trabalho. Mais tarde, quis conhecer a minha família, enorme: o meu pai teve muitos irmãos, para aí uns 20. Quando entrei em casa da minha avó, pensei que se tinha juntado toda a vizinhança para me receber. Nada, era só família (risos). Agora, que tenho lá um trabalho anual fixo - Cabo Verde Music Awards - vou com mais frequência.

**AC:** E se Cabo Verde tem uma música maravilhosa... estou sempre a dizer que hei-de passar umas férias em Cabo Verde.

Sempre que lá fui foi em trabalho. Toda a gente diz que vale a pena. É engraçado, eles consideram-se mais atlânticos do que africanos.

**ASM:** É como a Madeira e os Açores. Aí há um lado muito africano.

**AC:** É verdade. Temos a sensação de ter chegado a um sitio completamente diferente. O ar tem uma densidade diferente. A Madeira é muito tropical e os Açores, embora diferentes, são igualmente marcantes.

**ASM:** Impossível falar dos Açores sem pensar no cozido.

## A Mesa

**ASM:** Para mim é um prazer.

**AC:** Igualmente.

**ASM:** Confesso que faço muito exercício com um único propósito - poder comer e manter esta profissão.

**AC:** Não me lembro exatamente quem, mas era alguém da sua área, que dizia ser necessário manter a boa forma; que se comia um chocolate de 350 calorias, ia imediatamente ao ginásio perder exatamente essas 350 calorias. Não estava nem mais um minuto.

**ASM:** Queimar calorias é uma chatice.

**AC:** Eu não tenho muito tempo para as queimar nem muito tempo para comer. É tudo a correr. Gosto de comer bem mas como muitas vezes mal.

**ASM:** Mal quer dizer à pressa?

**AC:** À pressa e no carro, e muitas vezes mal. Agora que sou vereadora, há dias em que por causa das reuniões de câmara nem janto. E por vezes não posso almoçar. Um dia destes, não almocei nem jantei. Foi um dia inteiro a comer porcarias.

**ASM:** Agora está na moda uma coisa chamada jejum intermitente. Até me dizer que comeu porcarias ainda pensei que fosse isso (risos).

**AC:** O que é o jejum intermitente?

**ASM:** Passar algumas horas sem comer para limpar o organismo. Mas é um jejum deliberado.

**AC:** (risos) Eu é mais jejum forçado, e que acaba sempre numa coisa má. Ou seja, no que estiver mais à mão, independentemente da qualidade.

*Chega à mesa o açafate com três qualidades de pão, a manteiga e as compotas, a fruta fatiada, os pequenos bolos.*

*Assunção Cristas pediu uns ovos mexidos acompanhados de chá Earl Grey. Para Ana Sofia Martins, a versão de ovos com bacon e uma tisana de camomila.*

**AC:** Chá é um prazer. Em particular Earl Grey, o meu favorito para o pequeno-almoço. Para a tarde, prefiro um sabor mais adocicado, o Marco Polo (Mariage Frères).

**ASM:** Que a camomila me prepare para o dia que vou ter.

**AC:** Normalmente, o meu pequeno almoço é um chá e meia torrada, ou então uns flocos de aveia engolidos a correr. Isto hoje é um grande prazer.

**ASM:** A mesa é realmente um prazer. Adoro um cozido à portuguesa, bacalhau com natas, e um prato que me ficou da infância e da escola e que a Dona Conceição fazia muito bem: empadão de carne. Eu bem tento fazer mas nunca mais comi igual. E, claro, cachupa.

**AC:** Os meus gostos são muito diversificados. Gosto imenso de alheiras, não como se fazem em Lisboa, com ovo estrelado e batata frita, mas à maneira transmontana: com batata cozida, grelos e um bom azeite. Gosto muito de azeite; gostava até de tirar um curso de provas de azeite.

**ASM:** Também gosto muito de azeite.

**AC:** Outro dos meus pratos favoritos é moamba, a que se faz em casa dos meus pais. Mas só de vez em quando, para não se banalizar. Gostamos todos, incluindo os miúdos.

**ASM:** Era isso que eu queria saber: sei que tem quatro filhos; comem de tudo?

**AC:** De tudo. Os mais velhos (Maria do Mar, 16 anos, José Maria, 14 anos) já começam a gostar de saladas. Os mais novos (Vicente, 12 anos e a Maria da Luz, 5 anos) comem os legumes na sopa. Eu adoro sopa. É dos alimentos que mais falta me fazem quando estou fora.

## As compras

**AC:** Odeio.

**ASM:** Somos duas. É das piores coisas que me podem fazer.

**AC:** A minha Filha Maria do Mar gosta. Herdou isso da avó paterna e, como sei que ela gosta, acabo por ter algum prazer em acompanhá-la. Mas mais de uma hora e fico doente.



**ASM:** Uma hora??! Nesse capítulo sou uma privilegiada. Primeiro, tenho um *stylist*; segundo, emprestam-me imensas coisas.

**AC:** Olha que duas maravilhas. Disso precisava eu.

**ASM:** Aposto que também lhe emprestavam.

**AC:** Nunca pedi e acho complicado. Acusavam-me logo de estar a fazer publicidade. Na política é tudo muito difícil. É raríssimo comprar uma *toilette* inteira. Fiz isso para o congresso porque achei que era uma situação especial, e logo apareceu nas revistas onde comprei e quanto tinha gastado.

**ASM:** Se fosse um homem não faziam isso. É só com as mulheres.

## Os livros

**ASM:** Pensando melhor, há compras que me dão prazer: os livros.

**AC:** Temos isso em comum. Se pudesse era onde gastava todo o meu dinheiro.

**ASM:** Aos sete anos já gostava muito de ler. Comecei pelos livros da "turma da Mónica". À medida que fui crescendo, era o que pudesse apanhar. Lembro-me de estar no café e as senhoras me pedirem para lhes ler o horóscopo. O facto de ter pessoas a ouvir-me e de eu própria me ouvir fez com que gostasse de ler. Passei a pertencer ao clube de leitura da escola. Quando gosto de um autor, como a Dulce Maria

Cardoso, por exemplo, sou obcecada.

**AC:** Gosto muito de ler e de enfiada. Passar horas a ler – nos dias que correm, é um luxo. Recordo-me das férias mais maravilhosas que tive: em quinze dias li quinze livros. Mas, reconheço, foram dias muito anti-sociais. Estava com os meus sogros, numa casa que eles tinham e ainda sem filhos. Estava tudo muito tranquilo e eu a devorar romances.

**ASM:** Já passei na Feira do Livro. Comprei muita banda desenhada e o *Sexus*, do Henry Miller, que nunca li. Uma das minhas características é nunca abandonar um livro a meio. Com uma única exceção – o *Rumo ao Farol*, da Virginia Woolf.

**AC:** Na fase do meu doutoramento, um tempo muito solitário, só lia poesia. Durante quatro ou cinco anos, só li poesia. Depois voltei aos romances e, quando são bons, aos contos.

**ASM:** Conhece a poesia de José Tolentino Mendonça?

**AC:** Adoro.

**ASM:** Descobri-a há dois anos. É das coisas mais bonitas que já li. Está na minha mesa da cabeceira. Nas fases em que estou menos bem, abro uma página aleatoriamente e é um alento.

**AC:** Quando quiser, apresento-lhe.

**ASM:** A sério?

**AC:** Somos muito amigos. É padrinho da minha filha Luzinha.

**ASM:** E de escrever, gosta?

**AC:** Só escrevo trabalho. Os discursos.

**ASM:** Quando era miúda, escrevia. Era muito ansiosa com o futuro e escrever acalmava-me. Agora, como estou muito mais serena, escrevo menos.

## As viagens

**AC:** Nos dias que correm, é tão raro viajar pelo prazer puro e duro.

**ASM:** A maior parte das minhas viagens são em trabalho. De lazer, apenas nos últimos dois anos. Tenho andado pelo mundo, com amigos e a minha família, e fiz uma coisa que nunca tinha feito: estas viagens ficaram só para mim; ao contrário do que costumo fazer, não as publiquei nas redes sociais. Agora até uso máquinas descartáveis, para poder revelar e por em casa. No telefone, à medida que o tempo vai passando, as fotografias vão ficando para trás. Estas, de máquina, são mais vivas. E por isso, a fotografia está a tornar-se também um prazer.

**AC:** Nós gostamos imenso de andar de carro. Temos um monovolume e para a minha família ir ao Porto não é uma viagem, é um passeio.

**ASM:** Tenho muita curiosidade sobre os prazeres que os filhos nos trazem.

**AC:** O prazer de lhes mostrar as coisas bonitas do mundo. Uma pintura, uma



vista, os jacarandás em flor. Adoro paisagens de nuvens. Partilhamos com eles tudo o que gostamos. A música, por exemplo, que o meu marido leva para o carro. Há dois anos fizemos uma belíssima viagem de carro a Roma. Passámos por Madrid, Barcelona, Nice, Marselha, foi muito giro. E os nossos filhos estão tão habituados que no regresso queriam andar mais. E fazer Barcelona-Lisboa de seguida. A Luzinha estava numa excitação tal que nem dormiu. As crianças trazem essa dimensão - a da partilha de gostos. Um filme, um concerto. Há quatro anos fomos ver com eles os Rolling Stones. Agora, também roubam tempo. Tempo de leitura, tempo para pensar em nada. E sossego. É uma preocupação para a vida toda. Apesar de ser uma mãe muito descontraída. Acho sempre que vai correr tudo bem.

**ASM:** As minhas amigas começaram agora a ser mães.

**AC:** Isso pega-se.

**ASM:** Não pode, não me diga isso. Já não é a primeira pessoa que mo diz.

## Arte

**ASM:** Outro prazer meu é visitar exposições. Comecei a colecionar arte há pouco tempo. Não sei se estou a fazer as compras mais acertadas, mas vou pelo meu gosto. Interesse-me por objetos muito díspares.

Mas são os que eu gosto. Compro muita coisa de arte urbana. Somos os melhores da Europa.

**AC:** Gostava de ter uma coisa do Bordalo II. E do Vhils também, mas para esse não tenho dinheiro.

**ASM:** Tem de visitar a galeria *Underdogs*, no Beato. É uma zona que está muito dinamizada.

**AC:** Há quem seja viciado em colecionar. Se tivesse muito dinheiro, gastava-o em livros e em arte. Pintura e escultura. Gostava muito, mas com quatro filhos as nossas pinturas estão na educação deles.

## O trabalho

**AC:** Gosto imenso de política e foi uma descoberta tardia.

**ASM:** O que é "tardia"?

**AC:** Aos 32 anos.

**ASM:** Então tenho até para o ano para descobrir uma vocação política (risos).

**AC:** Quem sabe. Tarde porque não fiz o percurso dos partidos. Tinha a minha vida organizada noutro sentido, na academia, já doutorada, com os meus filhos, e nada virada para a política. Não que não gostasse, mas depois da derrota de Freitas do Amaral nas presidenciais fiquei muito desconsolada. Tinha 11 anos (risos) mas estava muito envolvida e detesto perder, detesto mesmo. Portanto, desconsolou-me.

Depois fui muito desafiada pelo Paulo Portas, e a verdade é que gosto muito desta proximidade às pessoas, desta dimensão que nos obriga a sair da nossa esfera pequena, a olhar à nossa volta e pensar que talvez possamos fazer a diferença, mais do que imaginava.

**ASM:** Gosto muito dessa dimensão de olharmos à nossa volta. Envolvi-me desde cedo em causas. Algumas muito próximas, como uma associação no bairro em que cresci, e outras a que fui aderindo, como a Amnistia Internacional e uma associação de crianças em risco. Tudo o que tenha que ver com crianças e pessoas mais velhas motiva-me muito. E eu sou muito persistente. Cada vez há mais mulheres dirigentes de partidos. Estive a ler sobre isso. Também li agora algo que me agradou: há cada vez mais mulheres na política.

**AC:** Recentemente, em Mondim de Basto, tomou posse uma jovem nutricionista, muito gira, que vai por toda a gente em forma. A Cecília Meireles, vice-presidente do meu partido, é candidata à distrital do Porto. Temos uma mulher na distrital de Leiria. O partido ainda é muito masculino, mas vou sempre convidando mais mulheres e elas vão-se mobilizando. Peço a todas que participem. Sempre reparei nisto: nas reuniões ficam muito discretas; ou não intervêm ou intervêm depois dos homens. Ambicionando naturalmente o momento



em que deixem de fazer sentido, sou uma acérrima defensora das quotas.

**ASM:** Sei o que se passa nos Estados Unidos em relação à minha profissão. Os atores ganham mais do que as atrizes. Aqui em Portugal, na minha área, não se verifica uma discriminação salarial. Mas eu estou numa posição vantajosa, porque tenho um contrato com uma estação de televisão. Talvez não seja assim no teatro, o que resulta numa imagem destruidora. E como eu tenho sempre muito sono – um

### Os prazeres diários

**AC:** Um café com um pastel de nata é um prazer divino.

**ASM:** Nunca bebi um café na vida.

**AC:** Eu tomava muito poucos até que chegaram as sessões das três da tarde no parlamento. E eu sentia os olhos a fechar, o que resulta numa imagem destruidora. E como eu tenho sempre muito sono – um

dos meus maiores prazeres é dormir –, passei a tomar um café à hora de almoço.

### As ambições

**ASM:** A ambição é uma coisa boa.

**AC:** E falta a este país uma ambição. Tenho a ambição de fazer cada vez melhor, não a de querer chegar aqui ou ali. De resto, a minha ambição de felicidade está atingida. Sou profundamente feliz.

**ASM:** É tão bom ouvir isso. Há quem fale de vergonha alheia. Eu congratulo-me pela felicidade alheia.

**AC:** Sou profundamente feliz porque sempre achei que a felicidade é algo que vive de momentos bons e maus. Vejo sempre o lado bom das coisas, e limito razoavelmente aquilo que me faz infeliz. E quando me perguntam pelos meus sonhos, na verdade os meus sonhos não são deste mundo. O que mais me define e estrutura é ter fé.

O meu sonho é um dia morrer e aninhar-me no colo de Deus. Esse é o meu sentido último de felicidade. Mas que venha daqui a muitos anos. Quero uma vida muito longa e a trabalhar até ao fim.

**ASM:** A minha felicidade passa muito pelo presente. A fase mais infeliz da minha vida foi quando estava presa ao passado. Porque a infância tinha sido isto ou aquilo. Passou, assim como passou a ansiedade do futuro. Agora, sou muito feliz no presente. Com as coisas boas e más. É um cliché, mas é verdade: crescer dói. Mas é aquilo que nos forma enquanto adultos. Não querendo ser uma “velha do Restelo”, porque só tenho 31 anos, nem injusta, porque não tenho filhos, acho que os pais de agora protegem as crianças a um nível absurdo. Sou feliz no presente. Vivo tudo ao máximo, o que é bom e mau: posso ser um bocadinho inconsequente, mas isso faz parte do meu charme. ●